

Onde começa a corrupção?



Momento político nacional permite outras análises interessantes, inclusive, sobre as ações individuais e a interferência delas na sociedade

Daniela Araújo

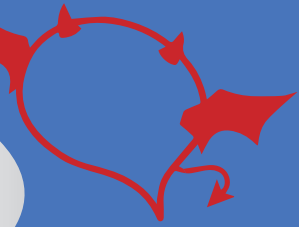
Em um momento de discussão sobre as estruturas políticas nacionais e a conduta que espera-se de um representante do povo, também mostra-se oportuno rever as atitudes individuais e o reflexo delas para a sociedade. Afinal de contas, o quanto que o imprevisto e as conquistas alcançadas a base da camaradagem corrompem a estrutura nacional? A mudança que tantas pessoas demonstram querer para o país deve começar dos representantes políticos ou da base, ou seja, da população?

Apesar da maioria dos brasileiros não estarem atentos, as atitudes dos 204 milhões de cidadãos do país (números fornecidos pelo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE) influenciam diretamente na coletividade. O ato de passar à frente das pessoas que esperavam na fila da agência bancária; de estacionar o

veículo em local proibido ou fila dupla, para estar mais próximo do local onde deseja-se ir; ou ainda de fazer o *download* pela internet de um material que, na verdade, deveria ser comprado, são exemplos disto.

Estas ações, apontam os especialistas, estimulam outras pessoas a seguir a mesma linha de raciocínio, a medida em que também servem para desequilibrar o sistema. Os transtornos causados pelo incômodo da pessoa que resolveu passar à frente das outras na fila poderão atrasar o atendimento; o veículo estacionado em local proibido, tende a atrapalhar o trânsito (que, normalmente, já é sobrecarregado de problemas); enquanto que o acesso a materiais diversos pela internet deixa-se de retribuir artistas, escritores ou produtores, por exemplo, pelo esforço físico ou intelectual.

E já existem constatações do impacto deste comportamento. A organização Transparency International realiza pesquisa anual em relação ao grau de corrupção a que um país é submetido. Obviamente, o dado é frio, já que a percepção depende da corrupção observada e não da corrupção efetiva, no sentido de que corrupção perpassa, por exemplo, pela ação isolada de corromper o guarda de trânsito até a observada nas operações desencadeadas nos últimos meses. O estudo aponta uma equivalência entre Brasil, Índia, Tailândia, Zâmbia, Tunísia, Burquina Faso, Bósnia e Herzegovina (38%), todos compartilhando a amarga 76ª posição no ranking que avaliou 168 países. O país mais 'livre' da corrupção é a Dinamarca, com uma taxa de 91% de não corrupção; enquanto que a Somália amarga apenas 8% de não corrupção.



“
*Nossa apatia e nossa
corrupção pessoal contribuem
ao estabelecimento e à
manutenção de tudo isto,*”
Lucas Galindo

E até mesmo as comparações feitas com o sistema político servem para ilustrar esta realidade. O político eleito democraticamente é representante do cidadão e da comunidade. Ele deve defender os interesses da coletividade e manter-se próximo, a fim de realmente representar os interesses coletivos. No entanto, o cidadão brasileiro é habituado a ter uma relação de distanciamento entre o seu representante, relação esta que é estreitada quando uma das partes tem algum tipo de necessidade com a outra, quase sempre voltada a abordagem do representante à sua comunidade, com o intuito eleitoral. Por outro lado, o cidadão costuma enxergar o político como alguém que não pertence a sua realidade.

Dessa forma, a sociedade se distancia do poder político, formalmente constituído para uma esfera de espectador, além de travar verdadeiros embates em favor de determinado partido ou coligação. Essa ausência de uma consciência do papel político de cada indivíduo torna o processo frágil e altamente manipulável.

Os brasileiros têm se deparado com a divulgação de uma série de escândalos, um capítulo nada nobre da nova república. O momento propicia uma onda de protestos, descrença coletiva e a incapacidade de entendimento da conjuntura atual, fruto da desestrutura generalizada da sociedade.

*“De tanto ver triunfar as
nulidades, de tanto ver
prosperar a desonra, de
tanto ver crescer a injustiça.
De tanto ver agigantarem-se
os poderes nas mãos
dos maus, o homem chega
a desanimar-se da virtude,
a rir-se da honra e a ter
vergonha de ser honesto”,*

Ruy Barbosa



“A corrupção, como diria o Barão de Itararé, é a negociata, é o bom negócio para o qual não me convidaram. Ou seja, eu sou absolutamente ético e probo quando se trata de atacar o negócio que não me favorece e quando me favorece, é um jeito, é uma maneira, é o meu jeitinho clássico”,

Leandro Karnal



O cidadão é levado à crença de que, para que tudo ocorra bem, é necessário ter a personificação de um modelo de gestão ética e promissora, no entanto a conduta diária da sociedade é levada a segundo plano.

O que eu tenho a ver com isso?

Vamos fazer uma breve análise histórica, voltando a meados do século XVI. Mais precisamente em um belo primeiro de maio de 1500. Em sua carta de anúncio ao rei de Portugal, sobre a descoberta do Brasil, Pero Vaz de Caminha encerra seu relato solicitando à vossa majestade o envio de seu genro ao Brasil, tendo em vista a carceragem do homem à ilha de São Tomé, deixando bem clara sua gratidão servil ao soberano. Porém, isso remete a uma prática histórica que está enraizada na cultura brasileira: a submissão aos pequenos favores, às facilitações do dia a dia, tudo voltado para o interesse próprio, independentemente dos meios.

A desconstrução da ética tornou-se tão habitual que ser moralmente ético é algo esquisito, de pessoas utópicas e que não mudariam o mundo. Que estão descrentes de tal maneira, na seriedade dos processos que não interessa-se mais na sua própria capacidade moral, um desvio grave, que empobrece a sociedade levando

a mesma para um alto nível de alienação.

É possível (re)começar!

A permanência histórica da corrupção pode ser eliminada e, finalmente, não mais perverter a sociedade, via representação política. Primeiramente, analisar com criticidade o papel enquanto ser humano responsável e cumpridor de seus deveres. Pôr em prática o agir fraterno, assumindo responsabilidades e riscos, possibilidades de perdas momentâneas e ganhos a longo prazo.

É irrelevante exigir do outro uma ética que intimamente é desconhecida. Ser corrupto é a cada dia mais intolerável e a ânsia da sociedade vai além da crise momentânea. O caos atual se deve ao profundo desconhecimento da fraternidade e do respeito ao próximo, ao espaço que ele ocupa na sociedade, no papel que juntos os brasileiros podem exercer para alcançar um mundo mais digno.

Para que a sociedade passe a ser protagonista e deixe o individualismo de lado, é interessante analisar o que a corrupção generalizada tem feito pela sociedade ao longo de décadas.

Mestre em Metodologia Científica pela Universidade de Florença (Itália) e em Sociologia pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Lucas Galindo reforça: “O ato máximo,

neste momento de profunda corrupção de todo um sistema e de profunda corrupção de um povo, é o seguinte: não é possível pensar em uma política limpa, quando nós somos corruptos; quando nos comportamos tirando proveito das pessoas e de um sistema corrupto; quando prostituímos nossa consciência por ganhos quaisquer que sejam, produzimos e intensificamos a degeneração e a corrupção de um país de dimensões continentais”.

“Produzimos um mundo pior para nós mesmos e para todos. Pensem em todo o sofrimento de nosso povo, em todos os que morem sem atendimento hospitalar, em todos os acidentes de trânsito por causa de uma infraestrutura inexistente ou precária. Pensem em todos os criminosos gerados pelo desemprego e pelas péssimas escolas. Nossa apatia e nossa corrupção pessoal contribuem ao estabelecimento e à manutenção de tudo isto.

Vencendo cada pequena corrupção em nós mesmos, geraremos as condições para que ela seja paulatinamente debelada em toda a nação e para que alcancemos níveis razoáveis de erros e não um caos completo. Não nos contentemos com as migalhas que a corrupção pode nos dar, mas busquemos as realidades mais altas - a cidadania e a ética - que geram vida em abundância para todos”, complementa.

“A corrupção, com o Barão de Itararé negociata, é o bom para o qual não nos convidaram. Ou seja, absolutamente ético quando se trata de negócio que não me e quando me favorece de jeito, é uma maneira meu jeitinho clássico.”
Leandro Karnal

Mas tudo é tão inofensivo!

Vamos assinalar alguns pontos. Se você considera usual ou até mesmo já praticou algum dos itens relacionados, está na hora de rever seus conceitos:

Já presenciei alguma cena de suborno?

- a) Não, nunca!
- b) Sim, ao menos uma.
- c) Sim, e imediatamente denunciei.
- d) Sim, mas não fiz nada.

Já adquiriu algum produto falsificado?

- a) Não, nunca.
- b) Já, afinal é mais barato.
- c) Raramente, em ocasiões especiais.

Já acelerou o carro e avançou o sinal vermelho?

- a) Não, nunca.
- b) Sim, devido à pressa.
- c) Às vezes, quem nunca?

Já ‘furou a fila’?

- a) Não, nunca faria isso.
- b) Sim, mas estava só conversando com um amigo que estava na fila
- c) Às vezes, dependendo da circunstância.